

Os protestos já estão mudando as eleições

Não era para Jamaal Bowman vencer.

O candidato negro progressista de 44 anos, um ex-diretor de escola de ensino fundamental, desafiou um congressista de Nova York que estava no Congresso desde antes da queda do Muro de Berlim e que tinha o apoio de alguns dos membros mais poderosos do Partido Democrata. Mas, se os resultados iniciais em suas primárias de ontem se mantiverem, ele logo poderá ser um congressista de prestígio. Embora as autoridades ainda não tenham contado cada cédula de abstenção, os analistas eleitorais começaram a anunciar a campanha para Bowman, dada sua vantagem significativa até agora sobre o deputado em exercício, Eliot Engel.

A insurgência de esquerda de Bowman deveria soar familiar, dois anos após o triunfo de Alexandria Ocasio-Cortez sobre o chefe do Partido Democrata local, Joe Crowley, em 2018. Mas sua provável vitória está marcada por um cenário extraordinário que tem poucos precedentes: algumas semanas históricas de agitação civil sobre a forma como os negros e negras norte-americanos são tratados pela polícia, durante uma pandemia na qual os negros e negras norte-americanos estão sofrendo e morrendo em um ritmo desproporcional. A revolta alimentou diretamente o sucesso do Bowman, e produziu uma onda de energia e entusiasmo que levou vários outros progressistas negros a triunfar também. Suas vitórias são as primeiras vitórias eleitorais do atual movimento de protesto, e os progressistas estão contando com esta energia para continuar a percorrer o corpo político até novembro.

“Os democratas estão mais mobilizados, mais propensos a dar, e mais energizados” do que em algum tempo”, me disse Daniel Gillion, professor de ciências políticas na Universidade da

Pensilvânia e autor de “The Loud Minority: Why Protests Matter in American Democracy” [“Minoria Barulhenta: Por que os Protestos Importam na Democracia Americana”). Os protestos “impulsionaram um espírito de investimento na política”, disse-me Steve Israel, o ex-congressista de Nova Iorque e ex-presidente do Comitê de Campanha Democrata do Congresso. Eles representam a continuação de um “movimento sócio-ativista empreendedor” que começou após a posse de Donald Trump e se estenderá para as eleições gerais, disse ele.

Bowman chamou a atenção de ativistas e progressistas de todo o país quando, poucos dias após a morte de George Floyd, no mês passado, ele se tornou um dos participantes das manifestações de Black Lives Matter no 16º distrito, que abrange partes do Bronx e do condado de Westchester. Bowman falou com frequência durante a campanha sobre viver sob a política de *stop-and-frisk* [“parar e revistar”] da cidade de Nova York e como ele já foi preso por alegadamente não ter ligado a seta de seu carro. Suas participações em protestos geraram um aumento na atenção da mídia social, que rapidamente se traduziu em mais voluntários, mais doações e mais apoios de líderes progressistas como Bernie Sanders, Elizabeth Warren e Ocasio-Cortez. “Foi esta perfeita tempestade de coisas que nos catapultou e criou esta tremenda dinâmica”, disse-me Bowman esta semana.

O movimento nacional aparentemente teve o efeito oposto para Engel, que foi criticado por estar ausente do distrito no auge da crise da COVID-19 na cidade de Nova York, e mais tarde foi zombado depois de ter sido ouvido em um protesto dizendo que “não se importaria” em falar no evento se não estivesse concorrendo nas primárias . Se os votos dos ausentes do distrito não alterarem as eleições, Bowman provavelmente irá vencer em novembro (embora um candidato do Partido Conservador também esteja concorrendo, o distrito é extremamente azul*).

A política de Nova York, em particular, está passando por uma mudança fundamental à medida que uma nova e diversa geração de

jovens desaloja o establishment, disse-me Israel. “A senilidade do Congresso está cedendo à intensidade política”, disse Israel, que como congressista foi um aliado próximo de Nancy Pelosi e uma vez supervisionou as comunicações do caucus democrata. Pelosi, entre outros líderes partidários, endossou Engel, o presidente do Comitê de Relações Exteriores da Câmara. “Aquelas regras que eu estava ensinando – vocês esperam sua vez e pagam suas dívidas – foram legitimamente postas de lado por uma resistência a Donald Trump que não acredita que podemos esperar”, acrescentou ele.

No 17º distrito de Nova York, que inclui o condado de Rockland e partes de Westchester, o advogado negro e ativista Mondaire Jones venceu a corrida para substituir a representante de longa data Nita Lowey, a presidente do poderoso Comitê de Apropriações. No 15º distrito de Nova York, Ritchie Torres, o primeiro funcionário público abertamente gay do Bronx, derrotou Rubén Díaz Sr., um democrata pró-Trump e um ministro pentecostal com uma longa história de fazer comentários homofóbicos.

Esse último mês de ativismo aumentou a competitividade das primárias longe de Nova Iorque, galvanizando eleitores que de outra forma poderiam não ter participado das disputas, e angariando fundos para candidatos que poderiam não ter desfrutado deles anteriormente. Em uma eleição para o Congresso da Virgínia ontem, Cameron Webb, uma médica negra de 37 anos de idade, derrotou com facilidade seus três principais oponentes, incluindo a principal arrecadação de fundos da corrida – uma veterana de combate apoiada pela EMILY’s List**. As manifestações também injetaram uma enorme sacudida de energia nas primárias do Senado Democrata ontem no Kentucky.

Antes do início dos protestos em maio, Charles Booker, um legislador estadual progressista negro, estava debilitado em comparação com Amy McGrath, a ex-piloto de combate que, como Engel, tem o apoio do establishment democrata. Mas Booker também foi extremamente ativo em protestos locais, exigindo

responsabilidade policial pela morte de Breonna Taylor, um jovem de 26 anos que foi fatalmente baleado em uma batida em Louisville, cidade natal de Booker. Apenas no mês de junho, a campanha de Booker arrecadou US\$ 3,8 milhões, disse-me um porta-voz, e ontem ele quase alcançou McGrath nas urnas.

A partir desta tarde, McGrath está liderando Booker por cerca de 7 pontos percentuais, mas as cédulas ainda estão sendo contadas e os analistas ainda não encerraram a disputa. Quer ele ganhe ou não, as manifestações sem dúvida mudaram sua sorte, disse-me Al Cross, professor de jornalismo da Universidade do Kentucky e colunista político. “Se alguma vez houve um candidato que pegou a crista de uma onda, foi Charles Booker”.

Após a decepcionante derrota de Sanders nas primárias presidenciais, as vitórias progressistas nesta primavera em Nebraska, Illinois, Novo México e Pensilvânia lhes deram motivos para serem esperançosos. Mas os acontecimentos desta semana são de certa forma ainda mais significativos, como conquistas para o movimento Black Lives Matter em geral e para aqueles que pressionam para eleger mais legisladores que sabem o que é ser negro na América. “Estamos levando os protestos às urnas, através de nossos votos e através de candidatos negros que se candidatam ao cargo”, disse-me Quentin James, o fundador e diretor executivo do PAC Coletivo, um comitê de ação política que recruta candidatos negros progressistas. “Nossa comunidade está mostrando que entendemos que se quisermos mudar as leis, devemos mudar os legisladores”.

“A mudança está aqui, a mudança é possível, e a mudança é real”, disse-me Bowman esta semana. “Quanto mais nos engajarmos em nossa democracia – dos protestos aos votos -, mais provável será que a mudança aconteça”.

Protestos estão em andamento em todo o país, e os ativistas planejam continuar pressionando pela reforma policial – entre outras causas de esquerda – na Convenção Nacional Democrática

deste verão. Novembro ainda está a meses de distância. A pandemia ainda está em fúria. Ambos os fatores significam que a próxima tarefa dos progressistas será complicada: tentar trazer a mesma energia nos próximos meses que eles tiveram esta semana – não apenas para manter a atenção dos eleitores sobre eleições particulares, mas para ajudar em sua cruzada mais ampla para empurrar o Partido Democrata para a esquerda.

Via [The Atlantic](#)

*Azul é a cor do Partido Democrata nos EUA.

** EMILY's List é um Comitê de Ação Política (*Political Action Committee* – PAC) norte-americano criado para apoiar candidatas favoráveis ao direito ao aborto.